

**S**im, caro(a) leitor(a), a despeito das modificações que podem ser de chofre já visualizadas na arte gráfica da capa, esta é sim mais uma edição da Revista Plural, precisamente a sua 12ª. Mas as mudanças não se limitam à capa. Confeccionada integralmente pelos alunos do curso de Pós-Graduação do Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP), esta edição reflete uma reformulação geral. Iniciadas em termos organizacionais, as mudanças acabaram espargindo-se por todos os âmbitos constitutivos da Revista, resultando neste novo perfil gráfico, organizacional e acadêmico. Acreditamos serem necessárias algumas elucidações a fim de, rapidamente, iluminarmos os passos fundamentais que orientaram nossas opções, as quais nem sempre foram tão lineares, consensuais e antevistas quanto esta apresentação possa dar a entender...

Em primeiro lugar, uma quase que inexplicável participação massiva dos alunos ingressantes na Pós-Graduação do ano de 2005 nas reuniões da Comissão Editorial da Revista causava espanto nos antigos membros da mesma Comissão, acostumados a dividir o árduo trabalho de edição entre cerca de três ou quatro “heróicos” voluntários. A presença quase que constante de ao menos dez novos colaboradores nos encontros semanais da Revista acabou por impulsionar novas atitudes frente aos antigos problemas enfrentados por outras comissões. Um peculiar fórum de debate assim se estabelecia, inserindo-se na rotina das atividades acadêmicas de cada um de nós.

Visávamos, antes de tudo, promover uma reestruturação da Revista que resultasse em uma melhora substantiva. Maiores autonomia, visibilidade externa e abertura para outros centros de pesquisa, a busca por novos formatos gráficos e estéticos, entre outros quesitos, formavam um rol de sugestões provenientes dos anseios daqueles que se propunham a

colaborar de uma forma ou de outra. Aos impulsos da maioria somava-se, contudo, a inexperiência com a execução do trabalho editorial. Sabíamos, entretanto, o que não queríamos: uma revista que se restringisse a apenas escoar burocraticamente alguns trabalhos de fim de curso. Deveríamos então relacionarmo-nos com aqueles que já tinham enfrentado problemas parecidos. Perseguindo este objetivo, reuniões com editores de revistas acadêmicas consagradas foram concertadas. As experiências relatadas por estes serviram de substrato para o incremento de nossos debates e para uma maior clareza do que poderíamos realizar dentro de nossas restritas margens de ação. Bons conselhos que, na medida do possível e de nossas forças, foram incorporados nesta nova edição.

O trabalho assim se refinava e passávamos a enxergar, ainda que nebulosamente, um formato a ser buscado e atingido. Cada pauta surgida era exaustivamente debatida entre nós. Dos mínimos até os mais importantes detalhes, desde a cor da nova capa, passando pela ordem dos artigos e o conteúdo da Revista, não houve uma só deliberação que não tenha passado pelo crivo da coletividade instituída. Aliás, este princípio nortearia o próprio “espírito” da Comissão, constituir-se-ia no “dogma” que animava todas as nossas decisões: nada haveria de funcionar que não fosse fruto do trabalho exclusivamente coletivo. Foi assim que decidimos pela modificação do antigo formato da capa, do projeto gráfico do miolo da Revista, na divulgação (que passaria a ser nacional), da chamada de artigos, no rearranjo do Conselho Editorial, na avaliação dos artigos recebidos, etc. Aproveitando o inusitado número de participantes e a decorrente diversidade de interesses, dividimos a Comissão em dois grupos de trabalho, que nem sempre funcionavam conforme o planejado, mas que ao cabo deram conta das inúmeras atividades voluntariamente agarradas por cada um de nós como, por exemplo, a avaliação criteriosa dos mais de cinquenta artigos recebidos para publicação.

Dentre estes, seis apenas foram selecionados, e felizmente refletem o nível de excelência que intuitivamente procurávamos atingir. Conseguimos também manter a diversidade temática sempre presente desde os primórdios da Revista (vista em seu próprio nome) sem prejuízo qualitativo algum. Além dos excelentes artigos, uma tradução inédita de uma interessante e inusitada carta de Max Weber foi incluída nesta

edição, enriquecendo assim o binômio qualidade/diversidade que deve ser buscado em qualquer publicação acadêmica. Ressaltamos, além do mais, a massiva presença feminina nos textos que compõem este número. Dos ótimos artigos presentes, cinco são de autoria de nossas colegas, assim como a tradução citada. Há ainda duas importantes entrevistas com os professores do nosso Departamento Chico de Oliveira e Brasília Sallum Júnior, nas quais eles defendem seus pontos de vista sobre a relevância e o papel atuais dos chamados “clássicos” para a formação de um cientista social.

Acreditamos, concluindo, que a tradição sociológica uspiana, constituída paradoxalmente na inovação contínua, foi por fim preservada nesta nova edição da Revista Plural. Paradoxalmente também, ao quisermos desenhar um novo modelo de revista de pós-graduação, totalmente gerida pelos pós-graduandos, acabamos por fundar um espaço riquíssimo de debates, leituras e discussões de temas variados, que muito nos auxiliou em nossa formação acadêmica. Salutar paradoxo das conseqüências este, que deverá ser fomentado, aprimorado e ampliado nas edições vindouras.

Agradecemos ao apoio e à confiança incontestes depositados em nós pelos professores do Departamento de Sociologia da USP. A autonomia por nós requerida foi prontamente cedida, ratificando assim a compreensão e a visão inovadora daqueles que formam este grande centro produtor de conhecimento do Brasil. Particularmente, agradecemos aos professores Sedi Hirano, Antonio Sergio Guimarães, Vera da Silva Telles, Antonio Flávio Pierucci, Francisco de Oliveira, Brasília Sallum Júnior, Ruy Braga, Álvaro Comin, Heloísa Martins e Maria Arminda do Nascimento Arruda. Agradecemos também ao editor da Revista Tempo Social, professor Sérgio Miceli, ao editor da Revista Novos Estudos Cebrap, Flávio Moura, às editoras da Revista Sexta-Feira e, por fim, à artista Yvonne Sarué, que desenvolveu um trabalho estético de criação na capa e no *lay-out* da Revista que brilhantemente concordou com as nossas esperanças de criar uma nova identidade para a Revista. Agradecemos por fim à Diretoria da FFLCH, pelo apoio concedido na forma do papel necessário para concretizar esta edição.

A Comissão Executiva